

humanitas

Vol. XLVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVI • MCMXCIV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO
Universidade de Coimbra

CLOE EM RICARDO REIS/FERNANDO PESSOA

«Fiquemos, um perante o outro, como dois conhecidos desde infância, que se amaram um pouco quando meninos e, embora na vida adulta sigam outras afeições e outros caminhos, conservam sempre, num escaninho da alma, a memória profunda do seu amor antigo e inútil.»

(*Carta a Ofélia*, de 29/11/1920)

Estas palavras, de uma comovedora ternura, assinalam o termo de alguns meses de enamoramento que trouxeram algum dia, à vida melancólica e solitária de Pessoa, a esperança, única talvez, de uma vida partilhada. Partilhada, isso sabemos-lo também pelas *Cartas*, não na mera perspectiva de uma companhia, e sim de um Amor que se quer exclusivo e inteiro, que se revê possessivamente em todos os momentos de afirmação e dádiva. Por uma vez, Pessoa revela-se um ser humano normal, permeável às comuns sensações do desejo, da ternura e até do ciúme, que mais ou menos espontaneamente vão matizando o conteúdo sentimental das *Cartas*¹.

Mas ao redor desta breve luz, que Ofélia indubitavelmente representou para Pessoa, adumbravam-se também as trevas de uma negati-

¹ Para uma análise das *Cartas* nesta perspectiva, vide A. Quadros, *Fernando Pessoa. Vida, personalidade e génio*, Lisboa, D. Quixote, 1984, pp. 156-178 e Ángel Crespo, *A vida plural de Fernando Pessoa*, Lisboa, Bertrand, pp. 251-266. Significativo também o posfácio de David Mourão-Ferreira a *Cartas de amor de Fernando Pessoa*, Lisboa, Ática, 1978, que, embora numa perspectiva diversa, não deixa de ser concordante com as palavras que neste sentido Carlos Queirós (sobrinho de Ofélia e primeiro divulgador da existência destas cartas) pronunciara em 1936, em homenagem a Fernando Pessoa: vide p. 196 do referido posfácio.

vidade radical, os espectros apenas visíveis à alma de um poeta que renunciara já à Vida em nome da Poesia.

Os ecos deste conflito não estão ausentes das *Cartas*, antes pelo contrário. Não poucas vezes, Pessoa queixa-se da obcecção em que o seu amor o traz e que o não deixa trabalhar; convoca deliberadamente, para as suas entrevistas com a amada, o «antipático» Álvaro de Campos, no intuito de, por alguma forma, assegurar o distanciamento necessário à sua paz de espírito. E pouco a pouco, a invasão que a personalidade do *Outro* representa em si — não sendo um heterónimo mais ou menos manipulável mas um ser de carne e osso, com as suas opiniões e desejos próprios, os seus problemas e exigências — vai tomando foros de uma agressão à intimidade, que no mais fundo do seu espírito Pessoa não soube ou não quis integrar.

Por esse aspecto, o drama do *Fausto* pessoano — a oposição entre a personagem feminina, espontaneamente dotada para o amor, e a personagem masculina que o recusa, na base de uma essencial impossibilidade de amar — é a evolução íntima de outro drama, que o Destino marcara já com o selo da negatividade. A índole humana e sensível de Pessoa seria incapaz, é verdade, de reagir às tentativas de persuasão da amada com a crueldade de linguagem em que o seu angustiado Fausto se compraz. Mas não é difícil acreditarmos a *posteriori* — como o poeta certamente acreditou — na identidade de Destinos que irmana esse Fausto, condenado à negatividade, à pessoa concreta do seu criador. As palavras de despedida a Ofélia estavam já de há muito ditadas, antes mesmo de a ter conhecido:

*Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois,
Sem que a minha lembrança te arda, te fira ou te mova,
Porque nunca enlaçámos as mãos nem nos beijámos,
Nem fomos mais do que crianças².*

Nesta belíssima ode, assinada por Ricardo Reis e datada de 1914, «Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio», conta-se como afinal

² Silva Bêlkior, *Texto crítico das odes de Fernando Pessoa — Ricardo Reis*, Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1988, p. 60 (daqui em diante referido por T.C.). Esta ode e a sua tonalidade estóico-epicurista fomentaram duas análises particularizadas: Ángel Crespo, «Fernando Pessoa en una oda de Ricardo Reis», *Actas do 1.º congresso internacional de estudos pessoanos*, Porto, Brasília Editora, 1978, pp. 98-121. e J. Manuel dos Santos Ferreira, *Três mulheres e dois poetas (Lídia, Cloe e Neera em Horácio e Ricardo Reis)*, tese de mestrado policopiada, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1991, pp. 58-62. Reitero o débito assinalado em anterior trabalho a este último estudo.

todo o amor é inútil, por a vida dos homens ser inteiramente comandada pelo Fado; preferível à entrega amorosa, com o seu inevitável cortejo de emoções violentas e demolidoras, é o amor distante, isento de qualquer contacto físico («amemo-nos tranquilamente...»), o amor que se perpetua na alma como um afecto e voluntariamente se recolhe ao paraíso de uma infância apaziguadora.

Não estranhemos, pois, a paráfrase ricardiana que se infiltra no passo da *Carta*, acima transcrito. Representando como que uma sublimação da experiência horaciana e dos conflituosos amores do poeta por Lídia, a ode citada de Reis, na sua característica inversão temática do «convite ao amor», não se confina à simples paródia; é, a par dela, uma sugestiva lição de sabedoria que procura retirar da vida, vulgarmente vivida, aquilo que nela parece mais duradoiro — a lembrança de um afecto.

Passados os momentos eufóricos dessa «adolescência tardia», que constituiu para Pessoa o seu encontro com Ofélia aos trinta e dois anos, o poeta regressa ao ponto de partida, ao refúgio de uma inata melancolia — condição, sem dúvida, de liberdade mas causa também, como para esse seu irmão gémeo, que foi Kierkegaard, de um irremediável divórcio com a Vida.

A inexperiência de Ofélia (doze anos mais nova que o poeta) terá tido a sua quota parte no fracassado epílogo que se seguiu. Mas a razão essencial não estará aí, como o comprova a tentativa falhada de um novo encontro, que quase dez anos depois voltará a uni-los: a obra poética, diz Ofélia, tinha-se tornado entretanto a sua principal obsessão — a ponto de não se julgar capaz de a fazer feliz.

Talvez essa obsessão tenha existido sempre — ou talvez Ofélia tenha surgido demasiado tarde na vida do poeta. A verdade é que, tal como Reis, também Pessoa foi um poeta precocemente envelhecido para o amor. Por lato que seja o entendimento a dar ao conhecido aforismo pessoano sobre o «fingimento poético», os seus limites reconhecem-se no elo reversível que a relação criador/criatura implicam: não é apenas o poeta que faz (ou cria) poesia, mas também a poesia que faz (ou cria) o poeta; por isso também, para Pessoa, «fingir é conhecer-se»³. Só por milagre, pois, teria sido possível à jovem e galante secretária, que era então Ofélia, fazer o poeta renunciar, por amor da vida, a uma poesia que era intrinsecamente, e desde há muito,

³ Sobre esta reversibilidade, cf. o meu artigo «À volta do poeta fingidor», *Biblos* 52 (1976) 365 sqq.

uma poesia de renúncia. Pessoa sentiu-o bem e nunca deixará de o lembrar: «Foi-me tão pesada e crescida / a tristeza que me ficou, /Que ficou toda a vida. /Para cantar não sonhou»⁴.

Na sua forma distanciada de ver o mundo e os seus valores, foi porventura Reis o heterónimo mais afim ao drama de Pessoa. A sagesa estóico-epicurista, que mestre Horácio lhe traduziu em múltiplas fórmulas lapidares, tornaram-no apto a compreender a inutilidade dos excessos, a vã pretensão de agarrar o que o Destino fundamentalmente nega aos homens⁵. À sua desolada poesia restam, como ecos da sua passagem pela vida, a perene afirmação de si mesmo e esses versos

*...que sejam como jóias
Para que durem no porvir externo
E os não macule a morte
Que em cada coisa espreita.*

Assim aspira Pessoa num inédito de 1923, revelado por Silva Bélkior⁶. E de facto, se algo aproxima intuitivamente Reis de Horácio, é essa forte obsessão pela obra que o venusino, mesmo nos momentos mais delirantes da paixão, soube conservar intacta. Essa, também, a lição fundamental que Pessoa/Reis assimilou, como o final da ode citada deixa patente:

*E mais que a todos te lembrando, escrevo,
Sob o vedado sol, e, te lembrando,
Bebo, imortal Horácio,
Supérfluo, à tua glória.*

Três anos, pelo menos, tinham decorrido após a ruptura de Pessoa com Ofélia. Três anos que, aparentemente, rolaram sobre Reis como se nada tivesse acontecido. O seus fictícios poemas de amor às horacianas Lídias e Neeras não sofrem modificações ou acrescentos; são, como em 1914 (data do «nascimento» de Reis) simples empréstimos

⁴ *Obra poética* (organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz), Rio de Janeiro, Aguilar, 1972, p. 398 (daqui em diante citada por *O.P.*).

⁵ Cf. os estudos pioneiros (e ainda únicos neste âmbito) de Maria Helena da Rocha Pereira, «Reflexos horacianos nas odes de Correia Garção e Fernando Pessoa (Ricardo Reis)» e «Sobre uma ode de Ricardo Reis», incluídos em *Temas clássicos na poesia portuguesa*, Lisboa, Verbo, 1972, respectivamente pp. 83-108 e 213-220.

⁶ *T. C.*, p. 223.

nominais a Horácio — empréstimos que se, por uma parte, pretendem preencher todas as órbitas vivenciais percorridas pelo venusino, inclusivé a amorosa, por outra parte nos deixam o sabor de uma subtil paródia aos amores infelizes, concretos e demasiadamente humanos do autor latino das *Odes*. Algo, contudo, nesses poemas sobressai, para além da paródia que consiste em fazer de Lídia ou Neera simples confidentes passivas de um ideário — ou falso ideário — amoroso. Nessa poesia de «não-amor», como lapidarmente a define Eduardo Lourenço ⁷, não intuimos apenas artificialismo, mas ecos genuínos de uma atitude perante a Vida que, na sua impressionante variedade de tons, vai muito além da sagesa estóico-epicurista. A atracção/recusa do amor tem múltiplas vertentes pessoais que, mesmo numa relação inteiramente a dois — «oposta ao mundo», como algures Pessoa define a sua alma —, não deixa de se fazer sentir. Assim, dirigindo-se a Neera num dos primeiros poemas (1914):

*Bem sei, ó flava, que inda
Nos tolhe a vida o corpo
E não temos a mão
Onde temos a alma;
Bem sei que mesmo aqui
Se nos gasta esta carne
Que os deuses concederam
Ao estado antes do Averno* ⁸.

A liberdade concedida aos amantes — mesmo longe das solicitações que os «outros» representam — é ilusória. Ilusória porque a morte espregueira sempre e porque o amor comporta uma componente de esforço. que a alusão ao «desgaste da carne» torna sobremodo ambígua: amor puramente espiritual? Ou de concretização física — e de que modo? A insinuada sobreposição de amor físico e espiritual não deixa de ressentir o conflito:

*E não temos a mão
Onde temos a alma.*

A verdade é que, encarado numa ou noutra perspectiva, «o amor cansa porque é a sério e busca», ensina o jogador de xadrez de 1916,

⁷ *Fernando Pessoa, rei da nossa Baviera*, Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1986, pp. 55-79.

⁸ *T. C.*, p. 69.

que algo deve ao poema a Neera aqui citado — e talvez à sua imaginária ou real experiência de vida. Outra razão, contudo, mais subtil se insinua numa ode relativamente contemporânea, dirigida a Lídia:

Sofro, Lídia, do medo do destino.

Tudo quanto ameace de mudar-me
Para melhor que seja, odeio e fujo.
Deixem-me os deuses a minha vida sempre
Sem renovar...⁹

Medo do desgaste, medo da mudança. Inutilidade do esforço e das emoções contraditórias do amor: entre a reflexão da experiência horaciana e os parcelares ecos de vida que lhe é dado ouvir e sentir na carne, a sagesa de Ricardo Reis (o «primeiro Reis») obstina-se no sentido dos primeiros poemas — em particular no do poema/ homenagem que encena ao seu «Mestre Caeiro»:

Molhemos leves
As nossas mãos
Nos rios calmos
Para aprendermos
Calma também.

Girassóis sempre
Fitando o Sol,
Da vida iremos
Tranquilos, tendo
Nem o remorso
De ter vivido¹⁰.

Esse sol, aparentemente brilhante em 1914, é agora em 1923, no poema/homenagem a Horácio, um «sol vedado». Certo que o rompimento entre Ofélia e Pessoa se efectuara muito antes, mas só agora a poesia de Reis (o «segundo Reis») — talvez pelo estímulo de um novo contacto com a poesia horaciana — acolhe os seus efeitos ao retardador.

Pessoa, melhor do que ninguém, poderá explicar a razão do fenómeno: «Qualquer indivíduo que seja, de algum modo, poeta, sabe como é mais fácil escrever um bom poema acerca de uma mulher que

⁹ T. C., p. 90.

¹⁰ T. C., pp. 54-55.

o interessa muito do que acerca de outra por quem está profundamente apaixonado. O melhor género de poema de amor tem geralmente por tema uma mulher abstracta»¹¹ Quer dizer: a paixão exclui o interesse imediatamente poético; só o distanciamento (físico, psíquico, temporal) permite transformar em substância de arte uma realidade concretamente vivida.

Não é de acreditar (embora não impossível) que na vida de Pessoa tivessem surgido entretanto (ou até antes) outras personagens femininas de interesse, para além de Ofélia — se exceptuarmos, é evidente, as fictícias amadas de Reis, Álvaro de Campos ou mesmo de Caieiro. E aos poucos, por efeito da distância, Ofélia foi-se convertendo nessa amada «interessante» que entra na vida de Reis, como já também Reis se insinuara na vida de Pessoa e de Ofélia¹². É, provavelmente, a amada biográfica a destinatária do poema barroco que a seguir transcrevemos, repassado de uma inexcedível ternura, que abre como que um parêntesis na obstinada gravidade do autor das *Odes*:

*Vossa formosa juventude leda,
Vossa felicidade pensativa
Vosso modo de olhar a quem vos olha,
Vosso não conhecer-vos —
Tudo quanto vós sois vos assemelha
À vida universal que vos esquece,
Dá carinho de amor a quem vos ama
Por serdes, não lembrando,
Quanta igual mocidade a eterna praia
De Cronos, pai injusto da Justiça,
Ondas quebrou, deixando à só memória
Um branco som de 'spuma*¹³.

A ideia da morte — descabida, porventura, num poema que não fosse barroco — estava já, contudo, pré-determinada no esboço que

¹¹ *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*, Lisboa, Ática, 1973, p. 267 (apud Silva Bêlkior, *Horácio e Fernando Pessoa: o amor, as mulheres e os poemas eróticos censurados*, Rio de Janeiro, CBAG, 1982, p. 26).

¹² Apesar da convincente argumentação de Mourão-Ferreira sobre o papel destrutivo que Álvaro de Campos (a crer nas cartas) terá desempenhado como «terceiro» numa relação a dois, cremos que ele não passa, afinal, da manifestação, visível de um *alter-ego* onde confluem todos os outros heterónimos e a sua poesia, que de algum modo «fizeram» Pessoa. Note-se, a este respeito, que as odes de Reis permitem um confronto — por vezes literal! — com as *Cartas de amor* muito mais sensível do que qualquer outra poesia de Pessoa.

¹³ *T. C.*, p. 61 (datada de 1923).

Pessoa traça numa das suas *Inscriptions* de 1920 e que, curiosamente, ecoa outro dos fictícios nomes de amadas em Horácio — Cloe.

*A mim Cloe, donzela, os poderosos fados deram,
que nada era para eles, às populosas sombras.
Assim o querem os deuses. Duas vezes sete eram só meus anos.
Jazo esquecida em meus prados distantes*¹⁴.

Escolha intencional do nome ... ou não? No poema mais conhecido a Cloe, Horácio poetiza a sua juventude, a estranha timidez que a faz acolher-se à sombra da mãe, com o mesmo receio de um cabritinho que se vê tresmalhado. Em suma, a imagem de uma jovem virgem que receia — por enquanto... — contaminar-se com a presença de um homem. Apresentamo-la na versão graciosa (talvez algo burguesa...) de Eugénio de Castro:

*Evitas-me, Cloe, qual veado mimoso
que procurando vai, em cerradas boscagens,
a inquieta mãe, candidamente receoso
das auras e das folhagens.
Treme-lhe o coração e as pernas, quando fita
as folhas que de Abril a viração esgarça,
ou se acaso um lagarto, ao perpassar, agita,
todo verde, uma sarça.
Leão getúlio não sou nem tigre que, em daninha
fúria te siga, a fim de te despedaçar.
Deixa, enfim, a tua mãe! És uma mulherzinha:
tens já idade para casar!*¹⁵

O convite horaciano ao amor não deixa de ter afinidades com outra ode ricardiana, também de 1923, cujas variantes textuais e contextuais permitem remeter a Cloe:

*A flor que és, não a que dás, eu quero.
Por que me negas o que te não peço?
Tempo há para negares
Depois de teres dado.
Flor, sê-me flor! Se te colher avaro [sic]*

¹⁴ *Poemas ingleses* (edição bilingue com prefácio, tradução e notas de Jorge de Sena), Lisboa, Ática, 1974, p. 73.

¹⁵ *Depois da Ceifa* in *Obras completas V*, Lisboa, Parceria A. Maria Pereira, 1971, p. 123.

*A mão da infausta 'sfinge, tu perene
Sombra errarás absurda,
Buscando o que não deste*¹⁶.

Numa das variantes contextuais da ode podemos ler, no final da 1.^a estrofe:

*Quão breve tempo é a mais longa vida
E a juventude nela!*

versos que serão integralmente transcritos numa ode quase imediata, onde se evoca o nome de Cloe, numa geminação expressiva que trai claramente a intenção da ode anterior (com visível interferência do horaciano *O Postume, Postume...*):

*Quão breve tempo é a mais longa vida
E a juventude nela! Ah Cloe, Cloe,
Se não amo nem bebo
Nem sem querer penso,
Pesa-me a lei inimplorável, dói-me
A hora invita, o tempo que não cessa
E aos ouvidos me sobe
Dos juncos o ruído
Na oculta margem onde os lírios frios
Da ínfera leiva crescem, e a corrente
Não sabe onde é o dia,
Sussurro gemebundo*¹⁷.

Do primitivo projecto — quem sabe? — de «matar» Ofélia, como se deixa adivinhar, sob o nome suposto de Cloe, na *Inscription* de 1920, ei-la reconduzida, em Reis, à categoria de confidente das suas angústias, ao mesmo título que Lídia ou Neera. Seria, na verdade, lícito aniquilar para sempre a personagem que, ao menos por uma vez, trouxera ao poeta o sonho de uma vida «normal»? Como o Pessoa das *Inscriptions*, talvez Ricardo Reis não tenha deixado de o tentar, numa espécie de «epitáfio em vida», de que os *Inéditos* nos dão conta:

*Amanhã, estas le ras em que te amo
Serão vivas, tu morta.
Corpo, eras vida para que o não foras,
Tão bela! Versos restam.*¹⁸

¹⁶ T. C., p. 29. Procurei fundamentar a intertextualidade oculta entre estes dois poemas em «Um topos horaciano e ricardiano: o convite ao amor», *Biblos* 68 (1992) 77-87.

¹⁷ T. C., p. 25. Sobre a estreita relação desta ode com anterior, e a identificação do anónimo *tu* com Cloe, vide Silva Bêlkior, *Horácio e Fernando Pessoa...* pp. 33-34.

¹⁸ T. C., p. 221.

A personagem de Ofélia seria, porém, demasiado absorvente para se resignar a este estatuto de «morte» (mesmo literária). Não serve, sequer, para confidente passiva: ao contrário de Lídia, parceira simples de um amor tranquilo, de Neera (cuja recordação fica como «a de nunca nos termos amado»), Cloe impõe-se a Reis com a força de alguém que sente o amor, o reconhece e o provoca.

O ano de 1923 foi fértil nesse reconhecimento: o amor deixa de ser essa realidade distanciada, reduzida aos anacrónicos rituais de banquetes em que os convivas se cingem de flores e bebem, para encontrarem a sua perfeição numa mudez só compreensível aos olhos dos deuses, como lemos (entre outras) na ode «Bocas roxas de vinho», de 1916:

*Tal seja, Lídia, o quadro
Em que fiquemos mudos,
Eternamente inscritos
Na consciência dos deuses*¹⁹.

Em oposição a esta imagem dissolvente e como que morta, o amor torna-se, antes de mais, uma exigência de comunicação: uma procura ilimitada de palavras e de gestos recíprocos que dão plenitude à vida das emoções e onde, pela primeira vez, se recolhe o belíssimo latinismo *mútuo*, tão típico das odes amorosas de Horácio.

Um novo conceito de amor como reciprocidade — ou como *mutuidade*, se quisermos prolongar o latinismo horaciano — se instala em Reis. E com ele uma proximidade afectiva em que o possessivo «minha», pela primeira vez, comparece: «Minha Cloe»:

*Como se cada beijo
Fora de despedida,
Minha Cloe, beijemo-nos, amando.
Talvez que já nos toque
No ombro a mão, que chama
À barca que não vem senão vazia;
E que no mesmo feixe
Ata o que mútuos fomos
E a alheia soma universal da vida.*²⁰

Se o «convite ao amor», citado atrás, sugeria já, na sua linguagem algo contensiva, a nova atitude de Reis perante o amor, é neste convite

¹⁹ T. C., p. 78.

²⁰ T. C., p. 22.

que ela livremente se manifesta, num volte-face que os poemas dirigidos a Lídia ou a Neera acentuam por contraste. Os espectros da morte não desapareceram, é certo. Mas longe de serem pretexto para mudez ou inatividade, são agora o estímulo mais forte para a vivência plena dos momentos que ao homem foram concedidos; neste ardor catuliano (e horaciano também) que faz de cada beijo um instante único, intuimos subtilmente, como nota J. Manuel Ferreira, «a defesa contra o sofrimento, uma forma de anular o silêncio que é ausência de relações humanas»²¹.

Falámos em ardor catuliano e mesmo horaciano. Mas, cotejando as *Cartas de Amor* a Ofélia, vemos como a máscara clássica de Reis se adequa, ponto por ponto, à afectividade característica, e não poucas vezes arrebatada, que quase até ao fim (ou mesmo até ao fim) marcou o envolvimento do autor das *Odes* com Ofélia. Do relato da própria:

*«Outra vez, num dos seus ataques repentinos, [...] empurrou-me para o vão de uma escada. Não percebi o que era; até pensei que fosse ele que, na sua timidez, tivesse visto alguém e não quisesse que nos vissem juntos. Mas, sem eu esperar, agarrou-me com toda a força e beijou-me: um beijo enorme, enorme!»*²².

Ofélia não foi, podemos por aqui senti-lo, um simples episódio, um mero acrescento biográfico na vida de Pessoa. A lembrança vívida desse «passado morto», que o poeta tanto se empenhou em preservar, a ponto de pedir a não restituição das cartas da ex-namorada, insufla um sopro novo na sua poesia, transforma-a e redime-a da aridez inata, a que um arquetípico sentimento de «não-amor» parecia tê-la condenado.

É o «segundo Reis» que melhor acusa esta transformação. Não apenas, vimo-lo já, nos momentos altos de uma idealização de amor como *mutuidade* suprema, mas também nos conflitos, na insegurança crescente que a revivência desse amor impossível veio sublinhar, com o passar dos anos. O complexo da diferença de idades — espectro sempre presente nas suas relações com Ofélia — vai-se gradualmente

²¹ *Op. cit.*, p. 98.

²² *Cartas de amor*, pp. 31-32.

tingindo de tonalidades sombrias, que a personalidade viva e provocatória da amada acentua nesse largo vão de sonhos perdidos:

*Já sobre a fronte vã se me acinzentou
O cabelo do jovem que perdi.
Meus olhos brilham menos.
Já não tem jus a beijos minha boca.
Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo*²³.

A consciência de um «outro» em que o jovem de outrora se tornou (e não é difícil imaginar o poeta frente ao espelho, como o ressentido Horácio imagina o agora jovem Ligurino, na sua velhice)²⁴ desfaz, por parte do *eu* lírico, todas as ilusões de reatar um velho e nunca esquecido amor. No anónimo *tu* não é difícil sentir a Cloe dos beijos intensos, dados e perdidos no calor de uma reciprocidade agora impossível: o amor pertence à esfera da mocidade, da beleza, dos anos de força e de vigor, de que é sinal a cabeleira escura e o olhar brilhante.

Teria a destinatária oculta do poema alguma vez ouvido (ou lido), dado que se trata de uma das odes publicadas por Pessoa em vida) a desesperada prece do poeta? O *trobar clus* da poesia ricardiana jamais, pelo menos, a tornaria reconhecível aos olhos de outros. Seja como for, três anos mais tarde após esta ode (de 1927) as relações entre Pessoa e Ofélia são reatadas. Mais, talvez, por iniciativa dela do que por desejo expresso do poeta. As modificações físicas e psíquicas tinham-se tornado sensíveis: «O Fernando estava diferente» — comenta ela. «Não só fisicamente, pois tinha engordado bastante mas, e principalmente, na sua maneira de ser. Sempre nervoso, vivia obcecado com a sua obra. Muitas vezes me dizia que tinha medo de não me fazer feliz, devido ao tempo que tinha de dedicar a essa obra.»²⁵

Quatro breves meses, se tanto, durou este breve reencontro. E, uma vez mais, os esforços de Ofélia resultaram impotentes para vencer as forças negativas que confluíam na alma do poeta: a par do antigo amor — reacendido por novas energias e esperanças —, o desolado sentimento de incompatibilidade com uma Obra que agora colocava

²³ *T. C.*, p. 46. Vide, do relato de Ofélia Queirós: «Chega a ser uma caridade cristã tu gostares de mim. És tão nova e engraçadinha e eu tão velho e feio! (*Cartas de amor*, p. 38) Cf., por exemplo, a carta n.º 40, de 24/9/29, p. 143.

²⁴ *Ode* 4.10, vv. 6-8.

²⁵ *Cartas de amor*, p. 41.

acima de tudo. Mas, para além disso, a velha insegurança que o fazia descrever do amor de uma mulher ainda jovem pelo ser envelhecido que se sentia, física e moralmente falando.

Mais do que nunca, nestas condições, o amor «imposto» é uma prisão. E Ricardo Reis, o *alter-ego* de Pessoa, não se coíbe de o fazer sentir nesta incompleta ode de Novembro de 1930, respeitando, como sempre, o nome real da amada:

*Não quero, Cloe, teu amor que oprime,
Porque me exige amor. Quero ser livre.*

.....
A 'sperança é um dever do sentimento ²⁶.

Os dois primeiros versos bastavam para evidenciar à légua a ruptura da antiga reciprocidade. Envolto em considerações psicológicas nebulosas, Pessoa poderá dizer de si que «sempre desejou ser amado e não amar». Mas Reis mostra mais claramente — seguindo ainda a lição dos clássicos, como Horácio — em que consiste agora essa recusa do amor: no desejo de liberdade, de tempo livre para criar a *sua* Obra. E é afinal essa ideia que surge, plena e limpidamente, numa ode, datada do mesmo dia da anterior, e cuja ligação temática e temporal nos conduz inevitavelmente a Cloe / Ofélia:

*Não só quem nos odeia ou nos inveja
Nos limita e oprime; quem nos ama
Não menos nos limita.*

*Que os deuses me concedam que, despido
De afectos, tenha a fria liberdade
Dos píncaros sem nada.*

*Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada
É livre; quem não tem, e não deseja,
Homem, é igual aos Deuses.* ²⁷

Diz Maria Aliete Galhoz: «impecável e bela, esta ode contém, discreta, uma das mais verdadeiras confissões de Pessoa» ²⁸. Sem contestar a argúcia deste juízo, convirá, contudo, não esquecer o ângulo secreto, inconfessável e dolorosamente sentido por Pessoa: talvez o seu drama não tivesse sido tanto o de uma estrutural incapacidade

²⁶ *T. C.*, p. 122.

²⁷ *T. C.*, p. 121.

²⁸ *O. P.*, p. 699.

de amar, quanto a desconfiança de não ser *realmente* amado. Esse ângulo oculto (aliás, presente também nas *Cartas*, e sobretudo nos chocantes juízos autodepreciativos que preenchem as missivas finais desta fase) é ainda Reis, na sua clássica contenção, a revelá-lo:

*Não sei é amor que tens ou amor que finges,
O que me dás. Dás-mo. Tanto me baste.
Já que o não sou por tempo,
Seja eu jovem por erro.
Pouco os Deuses nos dão, e o pouco é falso.
Porém, se o dão, falso que seja, a dádiva
É verdadeira. Aceito,
E a te crer me resigno.*²⁹

Numa variante do último verso pode ler-se: «Cerro os olhos: que mais quero?» Sim, que mais queria o poeta? Talvez uma certeza de se sentir amado; não uma certeza psicológica (impossível duvidar dos sentimentos de Ofélia) mas, por assim dizer, metafísica. Para Pessoa, como para Reis, o amor «foi sempre dúbio». Mesmo o insuspeito Caetano, no termo da sua experiência de «Pastor Amoroso», confessará que afinal «ninguém o tinha amado» — sentimento apenas comum, como evidencia David Mourão Ferreira, «aos que muito amaram»³⁰. A mesma dúvida se transmite, com impressionante crueza à personalidade mutante que é Álvaro de Campos:

*Um dia, num restaurante, fora do espaço e do tempo,
Serviram-me o amor como dobrada fria.
Disse delicadamente ao missionário da cozinha
Que a preferia quente,
Que a dobrada (e era à moda do Porto) nunca se come fria.
.....
Mas se eu pedi amor, porque é que me trouxeram
Dobrada à moda do Porto fria?
Não é prato que se possa comer frio.
Mas trouxeram-mo frio.
Não me queixei, mas estava frio.
Nunca se pode comer frio, mas veio frio*³¹.

²⁹ T. C., p. 123. O tema do fingimento (supostamente por parte de Ofélia) passa obsidiantemente nas cartas. Vide, por exemplo: «Mas eu pedia-te que *fingisses* esses carinhos, que *simulasses* algum interesse por mim» (*Cartas de amor*, p. 62).

³⁰ *Nos passos de Pessoa*, Lisboa, Ática, 1978, p. 136.

³¹ O. P., p. 352.

Teria sido o amor «servido a frio» a Pessoa? Certamente Campos exagera tanto como Reis ao falar de «amor fingido». Pessoa, que nos conflitos múltiplos da sua personalidade, conservou sempre a lucidez, reconheceu, melhor do que ninguém, esse amor «a quente» que lhe foi servido. Por essa jovem chamada Ofélia e a quem se não esquecerá de agradecer, sob o nome de Reis, na epígrafe que junta a um dos mais belos inéditos: *De amore suo*, ou seja, «sobre o seu amor.» É, uma vez mais, o convite que a vida não deixou consumir-se, porque acima do homem, e a par da obra a realizar, o Destino ia tecendo também a sua teia cruel e dissolvente. Mas nesse *De amore suo* vemos indubitavelmente irmanados, no mesmo reconhecimento, a Cloe ricardiana e a Ofélia de Pessoa:

*Folha após folha vemos caem,
Cloe, as folhas todas.
Nem antes para elas, para nós
Que sabemos que morrem.
Assim, Cloe, assim
O amor, antes que o corpo que empregamos
Nele, em nós envelhece,
E nós, diversos, somos, inda jovens,
Só a mútua lembrança.
Ah, se o que somos será isto sempre
E só uma hora é o que somos,
Com tal excesso e fúria em cada amplexo
A hausta vida ponhamos,
Que encha inda a memória e nos beijemos
Como se, findo o beijo
Único, sobre nós rulsse a súbita
Mole do inteiro mundo* ³².

Ao invés do poema muitos anos antes dedicado a Lídia, privilegiava-se aqui, nas palavras explícitas de uma variante da ode, a lembrança de um amor «que arda como vida» ³³. A lembrança, afinal, que ardeu sempre na alma de Pessoa como um sonho extraviado, uma condenação da felicidade que a obra escassamente podia suprir. Daí a exclamação desolada, que surge simultaneamente aos nossos ouvidos como uma proclamação de fraqueza, mas também de grandeza, de uma alma que conscientemente «para cantar não sonhou», isto é: não viveu a vida que o Destino concedeu a outros viver.

³² T. C., p. 304. Não deixa de ser interessante comparar a ideia do poema com a despedida de uma das cartas: «Um beijo só durando todo o tempo que o mundo ainda tem de durar...», *Cartas de amor*, p. 78.

³³ T. C., p. 288.